

# URSS participa no combate à malária

N. 17-Oct.-85

A União Soviética ofereceu material diverso avaliado em cerca de meio milhão de dólares destinado à execução do Programa de Emergência de combate à malária, a ser realizado a partir de Novembro próximo no nosso País. O programa considerado temporário, vai contemplar cinco zonas, onde o vector da malária existe em número maior. As estruturas da Saúde admitem que a medida, a ser aplicada nas cidades de Maputo, Beira, Nampula, Moatize e no Vale do Limpopo, destina-se a proteger de imediato, 500 mil pessoas, para além de um milhão e meio de habitantes que se beneficiará dos resultados do programa de combate à doença.

Estas informações foram reveladas por Dr. Sassan Suleimanov, num encontro havido recentemente no Ministério da Saúde entre a Reportagem do «Notícias» e um grupo de médicos especialistas nesta área. O encontro foi dirigido pelo Director do Instituto Nacional da Saúde, Dr. João Lima Schwalbach.

Foi objectivo do encontro, a divulgação do programa de acções a serem realizadas no combate à malária e os preparativos da execução do Programa de Emergência contra o vector da doença, programa que será realizado brevemente, em cinco zonas do nosso País.

De acordo com o Dr. Sassan Suleimanov, médico soviético a trabalhar no Ministério da Saúde e chefe da equipa médica que executará o programa, o lançamento desta iniciativa, consistiu num prévio estudo que permitiu definir áreas, onde o mosquito, transmissor da doença, está em número maior.

Aquele médico soviético disse ainda, que foi na base desse estudo que ficou decidido que, primeiro, devia atacar-se o vector nas zonas de importância vital e também estudar as particularidades de cada zona.

Outro aspecto referido por aquele médico, foi o da realização de inquérito de estudo longitudinal, o primeiro do género a ser executado no nosso País. Tal como foi referido

no encontro, o inquérito permitiu avaliar-se que, na época quente, os mosquitos são mais activos e também se definisse os transmissores da doença.

Foi na base desses estudos, que se definiu, que as cidades de Maputo, Beira, Nampula, a vila de Moatize e o Vale do Limpopo fossem abrangidos pelo Programa de Emergência de combate à malária. Este programa embora considerado temporário dadas as poucas disponibilidades financeiras do País as estruturas da Saúde pensam que vai permitir proteger de imediato, mais de 500 mil pessoas, para além de mais de um milhão e meio de habitantes que indirectamente se beneficiará do combate à doença.

Para a execução do programa, a União Soviética ofereceu sete carros, 100 toneladas de DDT, 150 bombas para pulverização, 70 microscópios e sobressaentes. Este material, segundo o Dr. Suleimanov, está orçado em cerca de meio milhão de dólares, estando já no País, sendo 2/3 do mesmo, para a cidade de Maputo.

Este plano, poderá ser definitivo nos próximos anos asseguraram ao nosso Jornal responsáveis da Saúde.

Enquanto o plano definitivo não for executado, as estruturas ligadas à saúde pública, afirmam que se deve dar continuidade à combinação de métodos que passam pela iu-

ta contra o vector, quer na sua fase de arva ou adulto quer tratando os doentes contra a malária e também o saneamento do meio-ambiente.

O médico soviético disse na ocasião, que embora o desenvolvimento do País possa constituir o ponto chave para o combate eficaz da malária, é imperiosa a participação da comunidade na batalha para a erradicação daquela doença.

## USO DA CLOROQUINA JÁ NÃO É EFICAZ

Dado o surgimento da malária, provocada pelo parasita «plasmodium falciparum» que se instala e vive no nosso sangue, o médico dinamarquês em serviço no Ministério da Saúde, Dr. Allan Schapira disse que aquela doença é resistente à acção dos comprimidos neste momento em uso. Acrescentou que o doente que sofre da malária resistente, não fica totalmente curado com a cloroquina. Embora este tipo de doença não constitua novidade para especialistas da saúde, tem-se notado que o uso da cloroquina já não é eficaz para a sua eliminação.

O Dr. Allan Schapira disse ainda, que durante os últimos 40 anos, a cloroquina tem sido o melhor medicamento para o tratamento da malária, é barata e dada em forma de comprimido, contribuiu muito para a salvação de milhões de vidas.

Neste momento, é dado como eficaz o uso da amodiaquina para o tratamento da malária resistente, embora se relaciona com a cloroquina.

A nossa preocupação é de que os parasitas não resistam a outros medicamentos. No entanto, admitimos que casos de malária sejam primeiro tratados com cloroquina, só depois, quando se constatar a falha da cloroquina, é que se pode aplicar o tratamento com outros medicamentos — esclareceu o Dr. Allan Schapira.

Aquele médico dinamarquês referiu também, que todo o caso da malária deverá ser analisado em laboratórios, antes de se aplicarem os medicamentos. Esta medida visa determinar a gravidade da doença e também inibir o alastramento dos parasitas.

Para o sucesso deste trabalho, foi lançado no princípio do corrente ano, um programa nacional de reforço da rede laboratorial. Este programa, segundo Allan Schapira vem em conformidade com o uso dos medicamentos.

Neste momento, constitui preocupação das estruturas da Saúde do nosso País, fazer chegar os medicamentos, onde são necessários, com vista a tornar eficaz o combate à malária.

Entretanto, ainda de acordo com informações reveladas à nossa Reportagem, há um número de médicos autorizados a trabalhar com os laboratórios e dar também este tipo de medicamentos alternativos, havendo no entanto, perspectivas de capacitar mais médicos para o efeito.